

O ANÚNCIO DE UMA UTOPIA FADADA AO FRACASSO: A REVISTA *VEJA* E O GOLPE MILITAR NO CHILE EM 1973

Francisco Victor Pereira Braga

“...o homem é escravo de poucos, não têm oportunidades, luta para sobreviver na fome e na miséria. Ou se torna mendigo, desesperançado ou ensaia uma revolução... para melhor, uma revolução que conduza ao sonho de Utopia”.

Extraído de *Utopia*, de Thomas More.

RESUMO

Analisamos neste artigo como a revista *Veja* noticiou o golpe militar ocorrido no Chile, durante o governo de Salvador Allende, dando ênfase a maneira como foi tratada a proposta de governo adotada, no caso o socialismo, que ficou conhecida como a “via chilena”, devido as suas especificidades. A revista, em suas matérias, desmerece a intenção da proposta allendista, ou da “via chilena para o socialismo”, colocando-a como se fosse uma utopia e, como tal, estaria destinada ao fracasso. A partir disso, fazemos uma discussão voltada para o entendimento de como a imprensa serve como mecanismo de difusão e negação de ideologias. São utilizadas para análise as matérias da revista publicada no dia 19 de setembro de 1973.

Palavras-chave: Revista *veja*; Salvador Allende; Golpe militar; Socialismo.

INTRODUÇÃO

11 de setembro de 1973. Uma data que ficaria marcada na história da América Latina como o dia do golpe militar no Chile. Neste mesmo dia morre Salvador Allende. Uma junta militar, composta por um representante da marinha, um da aeronáutica, um do exército e um dos *carabineros*¹, derruba com um golpe o primeiro presidente marxista eleito por voto popular. Instaura-se o regime ditatorial chileno, que posteriormente viria a ser conhecido como um dos mais sangrentos de toda América Latina.

Algumas questões, em primeira vista, chamam bastante atenção, como é o caso do envolvimento dos Estados Unidos no golpe, sendo o apoiador e intermediador da chamada Operação Condor, que foi um acordo costurado por todos os países do cone sul (no caso, o Brasil, o Chile, a Argentina, o Paraguai e o Uruguai) com a intermediação do governo norte-americano na tentativa de legitimar ações de caça, prisões, torturas, assassinatos e desaparecimentos de cidadãos supostamente (pelos militares) ligados a grupos terroristas e esquerdistas dos países envolvidos nas ditaduras militares. Atente-se ainda para as sabotagens ao governo que foram denunciadas por Allende, as disputas que ocorreram entre a direita, representada pelo partido republicano, o centro, representado pela DC (democracia-cristã) e a esquerda, no caso o governo, representado pela Unidade Popular. Entretanto, o que nos interessa aqui é discutir como a imprensa, mais especificamente a revista *Veja*, uma publicação brasileira, noticiou e construiu sentidos sobre a chamada “experiência chilena”.² Nesse sentido, para a reflexão e compreensão nos interessa saber “quem é a revista *Veja*”, a partir de que lugar ela fala, para quem fala. Dessa maneira, podemos compreender, de maneira mais geral, como os meios de comunicação servem para difundir ideologias de classes dominantes, e de maneira mais direta como a *Veja* Construiu sentido com relação ao golpe militar ocorrido no Chile.

Devemos levar em consideração que, apesar de cada matéria da revista ser escrita por uma pessoa, esta deve estar alinhada com as idéias que a revista defende, de modo que o que foi escrito e publicado poderia ser chamado de “ponto de vista da revista”, visto que passou pela edição, sendo aceito e publicado.

Para melhor entendermos de onde a *Veja* fala é interessante fazer algumas inferências, especialmente com relação à mídia brasileira, que:

é formada em grande parte por empresas e corporações, controladas por grupos poderosos. Seus interesses estão voltados para o mercado e o lucro, logo essa mídia tem ligações sólidas com os interesses de outras grandes corporações como bancos e governos. Para defender seus interesses, toda uma ideologia vai ser desenvolvida e propagada, principalmente através do domínio dos meios de comunicação em massa que tem essa classe dominante. Essa ideologia tenta manipular a população contra um inimigo comum,

no caso, todo e qualquer movimento que defenda uma política que ameacem os interesses de proprietários.³

A *Veja*, tratando-se de mídia impressa brasileira e no período aqui estudado, é uma publicação de importância nacional, sendo uma publicação semanal com tiragem considerável.⁴ Note-se que *Veja* faz parte da editora Abril, que é umas das maiores empresas do ramo de publicidade impressa da América Latina, também já neste período aqui estudado.⁵ Apesar de que, no recorte de tempo feito para o presente trabalho, a revista esteja em um período de consolidação e passando por diversas crises para se estabelecer no mercado, observa-se forte influência de grandes empresas em seus anúncios. Nesse período de consolidação a *Veja* estabelece algumas diretrizes para alcançar um público alvo de leitores e, conseqüentemente vender. De fato custava caro ser leitor assíduo de uma revista semanal, especialmente em um país com índices de pobreza alarmantes como era o Brasil do período, custo que aumentava com a qualidade e o preço de *Veja*, o que poderia indicar qual o público leitor da revista *Veja*. Para se entender um pouco qual o público que a *Veja* almeja ter - ou fazer - é interessante ver o editorial do primeiro número, publicado em 11 de setembro de 1968, que, dentre outras coisas, diz:

O Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos: precisa ter informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado. E este é o objetivo de *Veja*.⁶

A partir dessa afirmativa pode-se refletir sobre quais interesses se tem com esse empreendimento, como se almeja inserir num mundo que se pretende globalizado e que no momento estava dividido entre dois blocos pela chamada guerra fria. Imparcialidade e neutralidade não necessitam ser discutidas aqui. Uma publicação nos moldes da *Veja*, tal como outras revistas do tipo magazine, tem profundos interesses mercadológicos, fazendo suas matérias de acordo com as idéias convergentes com seu público pagante - neste caso os anunciantes e seus leitores – ou ainda que interessem para uma maior rentabilidade. O

compromisso da *Veja* não é apenas com seus leitores, é também com os seus anunciantes, com a propaganda, com as vendas, e o que vende é o que é necessário, ou o que se torna necessário. No caso brasileiro, nas palavras de um dos donos da Abril e editor da *Veja*, o empresário Victor Civita, a necessidade é a informação. As vendas e os interesses é que dão a palavra de ordem do momento em suas publicações. Como diz Daniella Villalta em *O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira* “A publicação da editora Abril situou-se no contexto da organização capitalista da cultura, como um produto cultural em sintonia com o projeto de modernização do Brasil através da implantação definitiva do capitalismo.”⁷

No caso do período aqui abordado, é claro que deve ser levado em consideração o momento em que ocorreu o golpe militar no Chile, para que possamos melhor entender como se posiciona a revista em vista dos acontecimentos. A *Veja* é uma publicação brasileira e nesse mesmo recorte de tempo que abrange o artigo e o golpe, o Brasil passa também por uma ditadura militar, que restringia a liberdade de imprensa. Poderia-se dizer que a revista teve uma postura defensiva com relação às publicações por causa do momento que o Brasil passava, especialmente sobre o caso do Chile, que era bastante delicado para o período. Falar a favor do comunismo, do socialismo, ou contra o capitalismo nesse período era bastante difícil e perigoso no Brasil. A revista, se tomasse tal postura, poderia ser fechada, afinal de contas o regime militar no Brasil já havia estabelecido o AI-5⁸ que, dentre outras restrições, fazia mostras de que não se mediriam esforços para combater quem fosse subversivo ao regime. Assim, a *Veja* se restringe a publicar aquilo que não trará problemas com o regime militar.

De todas as maneiras não se pode dizer que a revista *Veja* baseou inteiramente suas publicações no receio que se tinha da ditadura militar e da censura. As idéias expressas nos artigos e matérias são parte de um conjunto de idéias aceitas e defendidas pelos articulistas e pela revista como um todo. A *Veja* tinha, na verdade, compromisso com o lucro e a questão não pode ser vista somente relacionado-a com a ditadura. A explicação toma outros rumos quando se observa sob outras perspectivas.

Seria simplismo afirmar apenas que havia uma preocupação com boa notícia, ou imparcialidade, quando na verdade havia interesses em jogo, e esses interesses eram basicamente os de mercado, de compromisso com a ideologia liberal e do capitalismo, “de quebra” alinhava-se com a ditadura militar brasileira, o que se levava a olhar com maus olhos o governo chileno de Salvador Allende, portanto alinhado com a ideologia comunista. Nas páginas de *Veja* comumente relaciona-se Allende com Fidel Castro, por exemplo na matéria “A revolução sem futuro e seu triste fim – a unidade popular do Chile queria o socialismo sem luta”, dizendo-se entre outras coisas que eles “são parceiros de credo”, assim deixando entrever a disputa de idéias que ficaram como pano de fundo para as matérias que a revista publicou sobre o governo chileno e sua crise.

O ANÚNCIO DO GOLPE MILITAR

Partindo do que já foi dito, nos propomos a construir uma reflexão sobre como a *Veja* noticiou o golpe militar no Chile e que tipo de sentido ficou expresso nas suas matérias. O período, como já foi dito, é o ano de 1973, mais especificamente a data do golpe, no caso 11 de setembro, tendo como referências documentais as matérias: “Violência e golpe em Santiago, a sangrenta subida ao poder dos militares liquidou Allende e seu socialismo”⁹; “Da doutrina Schneider a prática de Pinochet – assim o exército chileno rompeu 41 anos de abstinência política”¹⁰; “A trágica utopia de Allende, o revolucionário – ele reencarnou em si a revolução ‘a chilena’ e morreu com ela”¹¹; “A revolução sem futuro e seu triste fim – a unidade popular do Chile queria o socialismo sem luta”¹². Todas as matérias foram publicadas na revista datada de 19 de setembro de 1973, aproximadamente uma semana após o golpe.

Na análise das matérias, percebemos que a todo o momento faz-se uma série de considerações acerca da experiência política do Chile. Fala-se bastante dos problemas enfrentados pelo governo nos seus três anos, como greves, locautes, manifestações e tentativas de golpe. O que não fica expresso nas páginas de *Veja* com clareza é que motivos levaram a tais acontecimentos, não se dando muito interesse as denúncias feitas pelo próprio governo, apenas se diz que o Chile está em crise e mostra-se sua gravidade, colocando tudo isso como uma má administração do poder público instituído e deixando

constantemente uma suspeita com relação ao governo chileno da UP (Unidade Popular), com Salvador Allende à frente.

As denominações para designar o governo são as mais variadas, como um “vertiginoso terremoto” de “incalculável e extravagante intensidade”, passando constantemente a impressão de tumulto e de um país que estava beirando a guerra civil por culpa de seu governo incompetente. Logo, subentende-se que algo deveria ter sido feito mesmo, para estabelecer a ordem e a paz neste meio tão turbulento. Assim, de certa maneira justifica-se o golpe e legitimam-se as ações da junta militar para restabelecer a ordem no país, dentre essas ações as que ocasionaram centenas de mortos são muito emblemáticas. Esse seria o custo para restabelecer a ordem no Chile, e não seriam medidos esforços para que os inimigos, no caso os adeptos do “antigo regime”, fossem literalmente eliminados. Nas determinações da junta militar dever-se-ia “extirpar o câncer marxista”.

Falando especificamente do golpe, trata-se da questão de uma maneira técnica e operacional, colocando, por exemplo, que o golpe militar no Chile foi diferente, pois o governante não foi somente deposto e extraditado, morreu no golpe, o que não condizia com “o manual latino-americano de golpes de Estado”. Além disso, coloca-se numa das matérias que os militares entraram para a política após quarenta e um anos de abstinência política por uma questão de tomada de consciência social. Assim, contrapõe-se a atitude do ex-comandante do exército, René Schneider, - que se baseava na assertiva de que o exército pensa, mas não delibera – com a do general Augusto Pinochet, que seria oposta: o exército e as forças armadas em geral, pensam, decidem e governam. Numa das matérias se diz que “Pinochet rompera ruidosamente com a doutrina não intervencionista e entrara vigorosamente na história do Chile”. Apartir do que foi colocado pode-se inferir que os militares, na visão expressa em *Veja*, não teriam simplesmente feito um golpe, mas teriam feito um golpe a partir de uma tomada de postura e consciência de que era um processo necessário para o país à beira do caos.

Percebe-se nas matérias o desprezo pela resistência popular que existiu, dizendo que “os cordões allendistas não contavam realmente senão com raros e esparsos elos”. Entretanto deve-se salientar que qualquer resistência foi fortemente reprimida, inclusive

com a distribuição de panfletos por helicópteros mandados pela junta militar com dizeres de ameaças de execução sumária aos resistentes ou subversivos. Em um dos panfletos:

-Los marxistas extremistas se prepararon para asesinar miembros de las fuerzas armadas y carabineros.

-Las FF.AA. y los Carabineros tienen la obligación de salvaguardar la seguridad de sus miembros y de los ciudadanos.

-Por ello no trepidaron en ejecutar sin dilación a los terroristas que ataquen a los soldados o que porten armas.

Na realidade não foram somente os “terroristas” que foram submetidos à repressão; prisões, torturas, ocorriam a qualquer momento, muitas vezes sem qualquer justificativa, como noticia a própria *Veja*. Centenas de pessoas foram aprisionadas em estádios de futebol, devido à falta de cadeias suficientes, sem falar dos que foram aprisionados em suas próprias casas pelo toque de recolher que foi determinado.

Fazendo-se a leitura das páginas de *Veja* que tratam especificamente sobre o golpe, tanto durante quanto depois, percebe-se, de certa forma, uma aceitação a tal situação, quase que um anúncio daquilo que realmente deveria acontecer – ou que já se esperava - a qualquer momento, dadas as condições que o Chile vinha passando, a desordem, os conflitos de rua, manifestações... Trata-se de uma maneira bastante superficial de tratar a complexidade de tal acontecimento, deixando muitas vezes entrever resignações ou mesmo concepções positivas acerca do golpe.

Após noticiar sobre o golpe, logo em seguida a revista começa uma outra linha de discussão que busca, basicamente, justificar a situação do Chile após o golpe, ou seja, porque aconteceu o golpe, por que motivo a junta militar assumiu o poder, depondo o governo antigo. Assim, publica-se matérias na revista de mesmo número que trata do golpe, falando da vida de Allende, do governo assumido por ele, fazendo uma breve retrospectiva da história do político Salvador Allende e da história do Chile durante seu governo revolucionário.

O ANÚNCIO DO FIM DA UTOPIA

É importante notar como a revista dispõe as matérias, dando seqüência lógica à narrativa, conectando as partes de seu discurso. Nos números de *Veja* pesquisados para este artigo primeiro coloca-se uma matéria falando especificamente do golpe militar, depois uma matéria sobre Salvador Allende, narrando sua vida pessoal, logo após vem uma matéria sobre o governo da Unidade Popular. Aparentemente parece não ter sentido dizer que os textos têm uma ligação mais do que aquela meramente seqüencial. Entretanto, quando se lê o conteúdo presente nas matérias percebe-se que elas estabelecem relações de sentido, pois logo que se fala do golpe, dando ênfase ao caos existente no Chile e à morte de Allende, coloca-se um texto depois falando da vida deste político que “encarnou em si a revolução e morreu com ela”. Estabelece-se uma explicação para o “golpe sangrento” e para a morte de Allende colocando como se ele tivesse se decepcionado e cometido suicídio logo após o golpe que fulminou suas últimas expectativas de êxito em busca do socialismo. Logo depois vem uma matéria falando do “triste fim” do governo da UP, que perdeu seu presidente e fracassou na luta pela “revolução sem revolução”, ou como se observa ainda no texto, fracassou na sua proposta de “revolução sem luta”. Em outras palavras, o golpe ocorreu num momento de crise, o presidente se matou por desistência e fracassou “finalmente”, junto com o seu governo e com a proposta da Unidade Popular, uma proposta de revolução sem luta.

Para além dessas relações entre os textos, outras questões despertam bastante a atenção. Como por exemplo a maneira como *Veja* tratou o governo de Salvador Allende e como se referiu à proposta de governo da UP, que levava em consideração as particularidades do Chile e indicava uma maneira diferente de implantar o socialismo naquele país. Essa maneira chilena de se chegar ao socialismo ficaria conhecida com a “via chilena ao socialismo”, prevendo a passagem para o socialismo sem a supressão da democracia, portanto sem a chamada ditadura do proletariado.

Contrastando com os modelos anteriores de construção do socialismo, o discurso que sustentava o projeto estratégico do governo encabeçado por Salvador Allende, sempre explicitado na fala do presidente, enfatizava a idéia de que o desenvolvimento econômico, a

estrutura institucional, a organização social e sobretudo as condições políticas do Chile permitiam a adoção de ‘um segundo caminho para o socialismo’, ‘dentro dos marcos do sufrágio, em democracia, pluralismo e liberdade’.¹³

Essa é a questão que mais nos interessa. Que sentido ficou expresso nas páginas de *Veja* sobre a particularidade da “experiência chilena” de construção do socialismo?

Para dobrar o PDC (Partido Democrata Cristão), majoritário, a Unidade Popular teve de firmar o estatuto de Garantias Democráticas, um cardápio altamente indigesto para revoluções[...]¹⁴

A discussão feita na revista nesse momento parte para deslegitimação do governo de Allende e da proposta da Unidade Popular. Remete-se algumas vezes à experiência da revolução russa de 1917, para mostrar que o governo socialista sem revolução não seria tão fácil assim. Nesse sentido é emblemático o título de uma das matérias: “a revolução sem futuro e o seu triste fim - a unidade popular do Chile queria o socialismo sem luta”. Fica claro o ponto de vista expresso com relação a revolução no Chile: a revolução não iria dar certo porque era uma revolução sem luta, dessa forma não teria futuro. Ou ainda, a revolução não aconteceria e se acontecesse teria de ser no molde Russo, lutando, tomando o poder, instaurando a ditadura do proletariado, portanto infringindo as garantias democráticas. Enfatiza-se aquilo que o discurso liberal afirma: revolução *versus* democracia.

Assim:

Não foi preciso muito tempo para ficar claro que a proposta política de Allende começava a entrar no beco sem saída das **utopias**. Na verdade, tortuoso e árido, **o novo governo seria marcado pela fatalidade em seu princípio e seu final.**¹⁵ (grifos meus)

O sentido expresso neste trecho é bastante direto e pessimista. Note-se também o título da matéria que traça a trajetória do presidente: “a trágica utopia de Allende, o revolucionário – ele reencarnou em si a revolução ‘a chilena’ e morreu com ela”. Mostra-se claramente o ultimato. O governo estava inelutavelmente fadado ao fracasso desde seu

início. Por sua vez, o seu dirigente também o estava. A concepção de utopia defendida é a de que seria algo impossível de se realizar, “é um beco sem saída”, não “tem futuro”. De modo que podemos concluir que a revista constrói um sentido bastante negativo para a experiência chilena, não levando em consideração as condições históricas, tratando de maneira simplista a complexidade da situação política que atravessava o Chile naquele momento.

Allende, para a revista, seria “um instrumento dos partidos de esquerda coligados na Unidade Popular”. Ou seja, o dirigente do ideal utópico com a qual sonhava em conjunto com a UP. Assim, “no que se refere a sua maior ambição – o socialismo – chegou até onde foi possível, isto é, não muito longe.” Então, diz-se que no dia do golpe Allende saiu de sua utopia – referindo-se ironicamente a rua de sua casa - rua Tomas Moro, autor de *Utopia* – para a realidade do golpe que poria fim ao seu sonho utópico de revolucionar o Chile e a utopia que era o socialismo.

A revista *Veja*, conseqüentemente, faz o anúncio de algo que, *aposteriori*, considerou uma utopia que estava, desde o início, fadada ao fracasso, pela sua impossibilidade de realização, não só porque era uma utopia, mas excepcionalmente porque era uma proposta de construção do socialismo. Constrói, portanto, uma noção de que o socialismo não seria uma experiência possível, sem levar em consideração os impecilhos que foram postos ao governo da UP e a Salvador Allende. A concepção ideológica da revista *Veja* é percebida nas entrelinhas de seus textos e na maneira como aborda os temas, partindo do ponto de vista mais conveniente com suas intenções.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir do que foi discutido, podemos dizer que a experiência chilena foi tratada pela revista *Veja* de forma superficial e tendenciosa, ao sabor de interesses políticos de grupos dominantes, excepcionalmente quando coloca o governo de Salvador Allende e o socialismo como utopias destinadas ao fracasso. Expressa-se, dessa forma, uma concepção ideológica convergente com a ideologia liberal capitalista, portanto o pensamento da direita, isso num período de explosão de ditaduras militares na América Latina, e ainda em

um mundo dividido pela chamada guerra fria do capitalismo contra o socialismo. Assim, percebemos como um meio de comunicação, no caso aqui a revista *Veja*, pode ser utilizado para a difusão de ideologias e como se construiu sentido sobre a experiência histórica do Chile no período aqui abordado.

Segundo a *Veja* “Sem luz própria em matéria de força, a Unidade Popular deixou de ser aquecida, perdeu o pouco brilho que ainda lhe restava e transformou-se numa fugaz estrela cadente.” Será mesmo que era sem luz própria, ou será que essa luz foi parcialmente apagada? Será mesmo que deixou de ser aquecida, e o que dizer dos movimentos sociais que lutam atualmente, tendo em vista tal experiência? Será que o sonho que a Unidade Popular chilena buscou realizar, que brilhava, realmente caiu como uma estrela cadente? São questões bastante atuais. Trata-se, portanto, de uma tentativa de pensar o agora, a partir de questões que estão postas com relação à história da América Latina, de seu povo e suas lutas, da resistência ao capitalismo, ao imperialismo, a exploração. Afinal, é isso que faz a história, ou fazem os historiadores: uma reflexão crítica sobre o passado a partir de questões do presente, na busca de respostas, em experiências sociais tais como as do Chile.

NOTAS

¹ Carabineiros do Chile (em castelhano: *Carabineros de Chile*) é a instituição de polícia uniformizada do Chile. Criada em 27 de abril de 1927, seu nome deriva dos corpos de cavalaria que portavam uma denominada carabina. Originalmente chamado de Corpo de Carabineiros, é a instituição encarregada de garantir a soberania, a ordem pública e o respeito às leis.

² Ver: AGGIO, Alberto. *Democracia e Socialismo: a experiência chilena*. São Paulo: editora da Universidade Estadual Paulista, 1993.

³ LIMA, Cristiane Marques de/ JUNIOR, Marconi Torres. *Hugo Chávez Através Da Revista Veja. A Construção De Um Vilão*. Revista eletrônica Ameríndia. Revista dos Alunos do Departamento de História da Universidade Federal do Ceará. Revista 1, ano I de 2006. p. 1. www.amerindia.ufc.br

⁴ Chegaram a circular 122.300 exemplares por semana no ano de 1973. Fonte: <http://veja.abril.com.br>

⁵ Ver: AUGUSTI, Alexandre Rossato. *Jornalismo e Comportamento: Os Valores Presentes no Discurso da Revista Veja*. Dissertação de mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. p.74.

⁶ Extraído de: Villalta, Daniella. *O surgimento da revista Veja no contexto da modernização brasileira*. UnP – Universidade Potiguar. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação - Trabalho apresentado no XXV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Salvador/BA – 1 a 5 Set 2002. P. 12.

⁷ *Idem.*

⁸ O Ato Institucional nº 5, AI-5, baixado em 13 de dezembro de 1968, durante o governo do general Costa e Silva, foi a expressão mais acabada da ditadura militar brasileira (1964-1985). Vigorou até dezembro de 1978 e produziu um elenco de ações arbitrárias de efeitos duradouros. Definiu o momento mais duro do regime, dando poder de exceção aos governantes para punir arbitrariamente os que fossem inimigos do regime ou como tal considerados.
http://www.cpdoc.fgv.br/nav_fatos_imagens/htm/fatos/AI5.htm

⁹ Revista Veja. 19 de setembro de 1973. p. 38.

¹⁰ Revista Veja. 19 de setembro de 1973. p. 46.

¹¹ Revista Veja. 19 de setembro de 1973. p. 48.

¹² Revista Veja. 19 de setembro de 1973. p. 50..

¹³ AGGIO, Alberto. *Idem*.p. 16.

¹⁴ Revista Veja. 19 de setembro de 1973. Matéria: *A revolução sem futuro e o seu triste fim - a Unidade Popular do Chile queria o socialismo sem luta*. p. 50.

¹⁵ *Idem.*